

Presença da categoria gênero em dissertações e teses sobre sindicalismo docente

Márcia Cristiane Völz Klumb & Márcia Ondina Vieira Ferreira*

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Os estudos sobre sindicalismo docente e de demais trabalhadores em educação são numericamente relevantes, em nosso país. Levantamento realizado por Gindin (2009) indica um total de 71 dissertações e 18 teses, defendidas entre 1983 e 2009. Os trabalhos enviados às reuniões da Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede Aste), por demanda espontânea, vêm crescendo bastante: 22 em 2009, 26 em 2010, 34 em 2011 e, para o evento de 2013, foram aceitos 46 textos. Contudo, tal pujança numérica ainda não está suficientemente acompanhada de regularidade na produção, de forma que há várias lacunas a serem preenchidas. Assim, existe uma quantidade muito maior de trabalhos sobre sindicatos localizados em regiões centrais do país, com pouca produção sobre sindicatos da região Norte e Centro-Oeste, em comparação com as demais regiões (Gindin, 2009). O Sudeste possui estudos em abundância: quase 50% dos trabalhos feitos em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, como esclarece o mesmo autor citado. De todas as formas, a ênfase maior se situa em nível de sindicatos de abrangência estadual.

Uma segunda questão significativa a destacar se refere ao fato de a produção ser eminentemente fruto de pesquisas realizadas por estudantes de pós-graduação, sem que os/as orientadores/as, aparentemente, se dediquem a esse tema de investigação.

* Márcia Cristiane Völz Klumb (e-mail: marciavolz@yahoo.com.br) e Márcia Ondina Vieira Ferreira (e-mail: marciaondina@uol.com.br) integram o Grupo de Pesquisas Processo de Trabalho Docente (FaE/UFPEL). Agência financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Outra lacuna a indicar é de natureza teórico-metodológica, e sobre ela recai o nosso interesse, aqui: embora o avanço da categoria gênero no âmbito das humanidades nas últimas décadas, o uso da mesma quase não tem se refletido no campo dos estudos sobre sindicalismo e associativismo docente. Em parte, isso pode ser resultado do estágio ainda não generalizado do uso da categoria nos estudos sobre trabalho como um todo; em parte, pode revelar insuficiências na compreensão do trabalho docente como notadamente feminino.

De forma bastante simplificada, podemos usar gênero como um conceito que nos explica que as diferenças entre homens e mulheres são construções culturais alicerçadas nas diferenças genitais. Como construções culturais, o que vale é a percepção da diferença em cada sociedade e a valorização que se atribui a cada um dos sexos, o que explica a variedade de relações encontradas em cada território e em cada período histórico, no transcorrer das eras.

Ainda na condição de construção cultural, o gênero não apenas orienta o comportamento das pessoas pertencentes a um ou outro sexo, não somente gera as expectativas que se têm a respeito do que é pertinente a um e outro, mas produz cada pessoa como um ser ou masculino, ou feminino. O gênero é um *habitus*, e alterá-lo só é possível por uma reeducação direcionada, constante e consciente (Bourdieu, 2005). Além disso, o gênero está presente em todas as esferas e influencia as relações de poder na sociedade (Scott, 1995).

Na condição de categoria analítica, o gênero colabora na interpretação dos fenômenos sociais em conjunto com outras categorias, como a classe e a raça/etnia. Grande parcela da compreensão mais ampliada de fenômenos de desigualdade social tem sido alcançada por meio da articulação dessas categorias. No entanto, como já dito, em nosso campo de investigação as análises de gênero ainda deixam muito a desejar, sendo poucas as autoras (quase que absolutamente assim, no feminino) que vêm desenvolvendo reflexões a respeito.

Ao considerar tais questionamentos, neste estudo pretendemos, principalmente, explorar se e como a categoria gênero vem sendo usada em investigações preocupadas com a organização coletiva docente, realizadas no âmbito dos programas de pós-graduação brasileiros, a fim de colaborar com as reflexões acerca da capacidade do gênero enquanto categoria útil de análise também no âmbito do associativismo e/ou sindicalismo de trabalhadores em educação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme André *et alii* (1999), estados da arte são pesquisas que “consistem num balanço do conhecimento, baseado na análise comparativa de vários trabalhos, sobre uma determinada temática” (idem: 308). Esses trabalhos, por sua vez, “não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas” (Romanowski; Ens, 2006: 39).

Tendo em vista essa caracterização, os procedimentos metodológicos por nós adotados têm sido técnicas quantitativas e qualitativas de investigação, consistindo em levantamento numérico e análise de conteúdo de dissertações e teses que relacionam as temáticas gênero e sindicalismo docente com resumos disponibilizados no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).¹ Para efeitos deste texto em especial, pretendemos testar nosso processo de seleção de materiais coletados no referido banco de dados, apresentando, apenas, um avanço da pesquisa que vem sendo realizada.

O conjunto de dissertações e teses que dão origem ao *corpus* documental da pesquisa corresponde aos anos de 1987 a 2011, sendo 1987 o marco inicial das publicações da Capes de informações e resumos sobre pesquisas desenvolvidas nos cursos de mestrado e doutorado, defendidas junto a programas de pós-graduação de instituições de ensino superior do país. Assim, a procura incluiu todos os anos do banco de dados, tendo em vista o ano de 2012 não se encontrar disponível até o momento do levantamento da produção.

Em termos de coleta de dados, a estratégia utilizada para averiguar o volume existente de estudos foi a inserção, no campo *Assunto*, disponível no *Banco de Teses – Resumos da Capes*, das palavras-chave: “gênero” e “mulher” junto a termos relacionados a sindicalismo docente. Esta foi a melhor forma de busca encontrada, uma vez que na base de dados a seleção de determinada produção só é permitida a partir dos seguintes dados: autor, assunto, instituição, nível e ano. No campo *Nível*, em que se encontram as opções *Mestrado*, *Doutorado* e *Mestrado Profissionalizante*, foram selecionados os trabalhos dos dois primeiros níveis.

O campo *Assunto* apresentava, por sua vez, para limitação da amostra, três opções: *todas as palavras*, *qualquer uma das palavras*, e *expressão exata*. Contudo, ao inserir as palavras-chave optando pela última, os resultados mostraram-se insignificantes. Já ao optar-se por *qualquer uma das palavras*, gerava-se volumoso número de trabalhos com resultados nem um pouco precisos. O artifício, então, foi o cruzamento das palavras gênero e mulher junto a termos relacionados a sindicalismo docente,² utilizando-se da opção *todas as palavras*. A procura

1 <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>

2 Por exemplo: gênero e sindicato docente; gênero e sindicalismo docente; gênero e sindicalismo de trabalhadores em educação; gênero e sindicalismo de professores; mulher e sindicato docente etc.

QUADRO 1
NÚMERO DE DISSERTAÇÕES E TESES QUE CONTÊM PALAVRAS
RELACIONADAS A GÊNERO E SINDICALISMO DOCENTE, 1987-2011 (CAPES)

	Gênero	Mulher
Sindicato de trabalhadores em educação	23	25
Sindicato docente	9	3
Sindicato de professores	11	6
Sindicalismo de trabalhadores em educação	10	16
Sindicalismo docente	4	2
Sindicalismo de professores	7	6
Associação de trabalhadores em educação	173	217
Associação docente	57	39
Associação de professores	167	121
Organização docente	121	68
Greve de professores	3	6

Fonte: elaboração própria, com base no Banco de Teses. Resumos Capes (22.10.12).

também envolveu a palavra-chave mulher, a exemplo de estudos como de Rosemberg (2001). Ao investir num estado da arte sobre educação e gênero presente na produção acadêmica brasileira, a autora utilizou-se do termo mulher, destacando que: “Teses e dissertações focalizam mais a condição feminina que o sistema educacional numa perspectiva de gênero” (idem: 47).

Podemos acompanhar, no Quadro 1, a totalidade resultante desta busca, conforme os termos inseridos.

Após obter, então, os números indicados no quadro, o passo seguinte foi avaliar preliminarmente a pertinência dos trabalhos a partir da leitura dos títulos e resumos. Desta forma, verificou-se que os resumos das dissertações e teses continham as palavras, mas em sua grande maioria não correspondiam a investigações preocupadas efetivamente com gênero e sindicalismo docente, isto é, as palavras muitas vezes eram meramente citadas tendo em vista atender outros interesses e temas diversos, sem que houvesse um enfoque mais preciso sobre as relações de gênero. Também se identificou a repetição das dissertações e teses ao longo da busca.

Neste sentido, por essa avaliação preliminar chegou-se ao número de 13 dissertações e teses, que constituirão o *corpus* empírico deste estudo, conforme o Quadro 2.

QUADRO 2

DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM GÊNERO E SINDICALISMO DOCENTE, 1987-2011 (CAPES)

Autor/a	Título	Área de conh./ Palavras-Chave	Nível	Ano	Instituição	Orientador/a
William Gonçalves dos Reis	Do desespero à esperança: a luta socioeducativa dos professores municipais do interior do Ceará	Educação/mulher	mestr.	1992	UFC	Maria Nobre Damasceno
Nelma Gomes Monteiro	O engajamento sindical da mulher educadora	Educação/mulher	mestr.	1993	UFES	Anna Bernardes da S. Rocha
Fábia Liliã Luciano Carminati	Conflitos e confrontos de mulheres professoras no movimento de greve	Educação/gênero	mestr.	1993	UFRGS	Guacira Lopes Louro
Ruth Bernardes de Sant'Ana	Professores de 1ª e 2ª graus: representação social e mobilização coletiva	Sociologia/gênero	mestr.	1993	USP	Teófilo de Queiroz Junior
Corina Michelin Dotti	Representações de mulheres professoras: incursões nos espaços público e privado	Educação/gênero	mestr.	1994	UFRGS	Merion Campos Bordas
Margaret Maria Chillemi	Produção de subjetividade, militância e gênero	Psicologia/gênero	mestr.	1997	PUC-RS	Jorge Castellá Sarriera
Maria de Lourdes Mazza de Farias	Nem rosa, nem azul: relações de gênero na família, na escola e no sindicato	Educação/gênero	mestr.	1998	UFPR	Naura Syria Carapeto Ferreira
Cláudia Regina Lahni	A presença das mulheres na imprensa sindical – Um estudo da imprensa do Sindicato dos Professores de Campinas e Região	Ciências da Comunicação/ mulher	mestr.	1999	USP	Maria Otília Bocchini
Alcides Leão Santos Júnior	Mulheres professoras: memórias da organização docente	Ciências Sociais/ mulher	mestr.	2006	UFRN	José Willington Germano
Hugo Leonardo Fonseca da Silva	As trabalhadoras da educação infantil e a construção de uma identidade política	Educação/gênero	mestr.	2006	UFG	Angela Cristina Belém Mascarenhas
Kátia Pereira Coelho Camargo	Relações sociais de gênero entre mulheres/professoras na Regional de Palmeiras de Goiás e sua repercussão no mundo do trabalho	Educação/gênero	mestr.	2007	PUC-GO	Lúcia Helena Rincón Afonso
Joseane Maria Parice Bufalo	Nem só de salário vivem as docentes de creche: Em foco as lutas do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Campinas (STMC-1988-2001)	Educação/gênero	dout.	2009	Unicamp	Ana Lúcia Goulart de Faria
Tarcísio Firmino da Silva	A construção de valores sobre o trabalho docente e a saúde do trabalhador: das políticas públicas aos enunciados sindicais	Saúde Pública/ gênero	mestr.	2009	Fiocruz	Jussara Cruz de Brito

Fonte: elaboração própria, com base no Banco de Teses. Resumos Capes (22.10.12).

ANÁLISE PRELIMINAR DO CORPUS DOCUMENTAL

Como é possível observar, a maior parte dos referidos trabalhos são da área de educação, mas, uma vez que na base de dados não há opção de levantamento de trabalhos por área de conhecimento, algumas dissertações produzidas em outras áreas surgiram ao longo da busca, mostrando-se indispensáveis de serem incluídas no quadro de produção acadêmica sobre o qual se debruçará a análise.

Em termos de autoria, temos quatro homens e nove mulheres. São três os orientadores e dez as orientadoras, e nenhum/a deles/as orienta mais que um trabalho.

Oito trabalhos foram produzidos na década de 1990 e cinco na década de 2000, sendo que somente um trabalho foi elaborado como tese de doutorado. Quatro trabalhos também foram selecionados a partir da palavra-chave “mulher”.

No que se refere às instituições onde foram produzidos os estudos, com exceção da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), todas as demais instituições são públicas. Duas delas se repetem em duas ocasiões: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de São Paulo (USP). A maior parte dos trabalhos foi produzida em instituições situadas na região Sul e Sudeste.

Nesta seção, nossos esforços caminharão no sentido de acompanhar como vem sendo usada a categoria gênero em discussões sobre sindicalismo docente, o que, neste trabalho, será feito a partir do exame de duas pesquisas selecionadas do conjunto de estudos descritos no item anterior. Definimos como critério serem os mais recentes trabalhos da área da educação, o que, coincidentemente, também nos possibilitará analisar trabalhos dos níveis de mestrado e doutorado, e de uma instituição privada e de outra pública.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS TEXTOS

A dissertação de Kátia Pereira Coelho Camargo (2007), sobre mulheres professoras da Subsecretaria Regional de Educação de Palmeiras de Goiás, pesquisou o processo de não engajamento sindical destas educadoras “relacionando-o a sua condição de mulher” (idem: 14). Para tanto, a autora investigou em que medida se encontravam incutidas nas docentes as políticas referentes aos seus direitos trabalhistas; o processo de adentrar ao mundo do trabalho docente; o grau de participação e importância da luta sindical para estas mulheres; e, por último, “como elas se justificam em função das condições de vida que têm e como convivem com os papéis sociais que lhes são atribuídos” (ibidem: 15).

A pesquisa se utilizou da aplicação de questionários, e dela participou um total de 113 professoras da Subsecretaria, órgão constituído por nove cidades jurisdicionadas por ele. Visitas

a estas cidades e análise de documentos com dados dos/as educadores/as de tais municípios fizeram parte da metodologia, bem como um diário de campo. O Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Goiás (Sintego) foi a entidade que serviu de referência quanto à filiação e investigação do envolvimento sindical das professoras.

Para o desenvolvimento do estudo, a autora trabalhou com três categorias de análise: gênero, trabalho e participação política. Entre outros debates teóricos, problematizou o modelo neoliberal e suas consequências para a organização sindical brasileira.

Dentre suas conclusões, indicou-se que as mulheres/professoras pesquisadas “não se veem enquanto componentes de uma classe trabalhadora, com direitos e deveres, se veem como donas de casa e o trabalho como um bico, e, alienadas de seu trabalho, por esse motivo, não estão à frente das lutas de sua classe. Os vários papéis que a mulher/professora tem acabam por dissolver sua ofensiva sindical [...]” (ibidem: 192).

Já a investigação de Bufalo (2009) tem como objeto de estudo o Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Campinas, por meio da qual buscou analisar o “modo como a profissão docente de creche está sendo construída nos movimentos de resistências culturais” (idem: 9). A pesquisa foi realizada a partir de documentos do sindicato, além de outros dois materiais publicados pela entidade: o caderno de poesias, cujos/as autores/as foram trabalhadores/as da prefeitura de Campinas, e três revistas da área da educação compostas por artigos também de trabalhadores/as do serviço público municipal. É importante ressaltar que o sindicato em questão não é exclusivamente do setor da educação, abrangendo, igualmente, todas as demais categorias de trabalhadores/as do serviço público municipal de Campinas.

O foco na organização sindical das docentes de creche decorre do entendimento da autora de que a docência se constrói também na formação política e cultural das docentes e não somente no trabalho desenvolvido nas creches, sendo o sindicato, por sua vez, também uma “instância formadora” (idem: 16). Ademais, o estudo explora o sindicato como espaço de resistência cultural apoiado na percepção de cultura de Thompson (1981, 1998), em quem também está baseado o conceito de classe, o qual, junto às relações de gênero, constituiu uma das principais categorias de análise da tese.

Como um dos resultados centrais do trabalho está a descoberta da autora no que diz respeito às reivindicações das docentes de creche. Estas profissionais basearam a organização de suas pautas em questões como a formação docente e não unicamente na melhoria salarial para a categoria, achado este que mereceu o título da tese “Nem só de salário vivem as docentes de creche: em foco as lutas do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Campinas (STMC-1988-2001)”.

PRINCIPAIS ACHADOS

Tendo em vista uma maior aproximação do nosso objeto de análise para enfim discutir o referencial de gênero presente nessas investigações, exploraremos inicialmente as diferenças e particularidades que se destacam nos dois trabalhos.

Ao traçar um perfil das mulheres professoras e conhecendo também suas relações estabelecidas com o mundo de trabalho, Camargo (2007) investiga a vida sindical destas educadoras revelando que “é mínima a quantidade de professoras dos municípios jurisdicionados à Subsecretaria Regional de Educação de Palmeiras de Goiás que fazem parte do cotidiano de lutas da categoria, participando das greves, das campanhas salariais, mobilizando os trabalhadores” (idem: 15). Em contrapartida, Bufalo (2009), através da análise de documentos do sindicato, identifica que as mulheres docentes “tinham uma representação considerável no que se refere ao campo educacional e à trajetória de construção e de participação, solidificando espaços, como se verifica através das poesias, das atas. Elas são protagonistas no STMC” (idem: 112).

Ao ver de Bufalo, a significativa participação sindical destas docentes de creche, em especial as reivindicações e lutas pela defesa de seus interesses, “favorece o sentimento de pertencimento” (ibidem: 11) a esta categoria trabalhadora, uma vez que através dos movimentos de resistências culturais no interior da organização sindical também estaria se construindo coletivamente a profissão. Assim, a análise das pautas reivindicatórias do sindicato revela professoras preocupadas com seus direitos trabalhistas.

Em vias opostas se encontra a realidade investigada por Camargo, em que as mulheres se deparam em sua região com fortes discursos de modelo patriarcal, sendo ainda muito presente a ideia de que o sustento é de providência masculina. Desta forma, o trabalho desenvolvido pelas professoras seria encarado como algo complementar à renda familiar, uma ocupação transitória, reforçando o pensamento de que não pertencem a uma classe. Em decorrência, estaria a maior aceitação de baixos salários, não se constatando muitas reivindicações ou a produção de reflexões sobre seus direitos.

Quando se trata de gênero, ambos os trabalhos o utilizaram como categoria de análise e o relacionaram à construção social dos sexos, mas apresentam particularidades que devem ser consideradas.

Camargo (2007) dedica seu primeiro capítulo às categorias que utilizou em seu estudo, explorando o conceito de gênero a partir da teoria de Joan Scott. Conforme Scott (1995), “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (idem: 86), sendo exatamente esta a ideia que permeia a definição do conceito na dissertação. O gênero foi o elemento fundamental para explicar a posição das mulheres como docentes e assim compreender o processo que resultou na indiferença destas no que se refere às atividades sindicais como decorrentes de relações sociais entre os sexos, em que a desvalorização dos atributos do mundo

feminino foram legitimando um maior poder e dominação masculina, tornando a mulher mais passiva e apolítica.

A partir do gênero, a autora relaciona a atuação da mulher no trabalho, presa às condições de vida impostas socialmente às mulheres em outras esferas como, por exemplo, a família: “mesmo conquistando seu espaço público, a mulher continua alienada ao ambiente doméstico” (Camargo, 2007: 182). Neste sentido a autora também recorre a Bourdieu (2005), usando o conceito de *habitus* para explicar a subordinação feminina.

Na pesquisa de Bufalo (2009), por sua vez, o gênero é uma preocupação no sentido de averiguar como esta categoria vem sendo tratada no sindicato a partir de suas pautas de reivindicações. A autora percorrerá os documentos na intenção de captar as relações de gênero presentes na organização daquele espaço sindical. Observa que as docentes de creche, embora sujeitos ativos, não são visíveis nas atas, porquanto nenhum termo feminino foi encontrado. Contudo, identifica que a entidade tem, de alguma forma, trazido para seu interior as questões de gênero, como por exemplo, através da criação de departamentos – entre eles o Departamento da Mulher –, que segundo ela “permite atuar com as diferenças nas relações de gênero” (idem: 107-108). A compreensão de gênero nesta tese baseou-se no estudo de Finco (2003), também voltado para a educação infantil. No entanto, é interessante lembrarmos que Finco apoiou-se igualmente nas teorias de Joan Scott para abordar o conceito.

Ao analisar o trabalho de Bufalo, o uso do gênero está relacionado à feminização da docência de creche. As relações de gênero foram aqui concebidas como um dos aspectos fundantes da profissão, pois além do corpo docente ser composto majoritariamente por agentes do sexo feminino, o que se repetia no sindicato investigado, o próprio trabalho seria alvo de uma construção no feminino. Para tanto, foram estabelecidos diálogos com estudos como os de Cerisara (1996) e Ávila (2002), que defendem que a docência com meninas e meninos de 0 a 3 anos envolve atributos associados às mulheres como a própria questão do cuidar.

Observemos o uso do gênero feito por Camargo. A autora não analisou diretamente as relações entre os sexos no interior do sindicato, o Sintego, nem no espaço de trabalho das professoras, mas o conceito foi usado no sentido de trazer à tona as desigualdades de gênero com origem na divisão de papéis sociais para homens e mulheres imposta por um modelo patriarcal de sociedade. Mais especificamente, o uso do gênero pela autora está relacionado com a compreensão do “posicionamento da mulher no mundo cotidiano” (idem: 25). Para isto, apoia-se nas considerações de Sorj sobre: “a ideia de que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino e feminino observado na sociedade”, e que “o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social [...]” (ibidem: 15).

Ao olhar o trabalho com mais afinco, confirma-se o quanto o gênero pode ser útil para pesquisas na área sindical docente, como no caso de trazer à luz e discutir reais obstáculos ao

engajamento do professorado em suas lutas de classe. Mas se nota uma ausência de maiores problematizações referentes às respostas dadas pelas professoras em relação às ações do sindicato, o que poderia ter influenciado muito nos seus achados. A autora parece desconsiderar, em suas conclusões, a insatisfação que as mulheres demonstraram, alegando que o desinteresse delas em se filiar decorreria, principalmente, por “não verem resultados para quem já é filiado” (ibidem: 183). As críticas apresentadas pelas professoras ao sindicato, bem como o apontamento de questões que as mesmas julgam que deveriam ser também preocupações da entidade, se levadas em conta pela autora, sob a luz do gênero, não permitiriam, talvez, fazer surgir outras verdades acerca do não engajamento sindical destas educadoras, além da que foi apontada de que não se sentiam pertencentes à classe trabalhadora? É uma interessante questão!

Vianna (1999) parece instigar mais esta ideia quando descreve sobre insatisfação e críticas relacionadas ao modelo de engajamento, as quais podem gerar um recolhimento da pessoa à esfera privada:

O modelo de engajamento no qual as necessidades do sindicato são postas em primeiro plano é paulatinamente colocado em questão e as críticas a esse modelo são causa tanto da redução no tempo dedicado à militância, quanto do recolhimento à esfera privada [...] (idem: 199).

Ademais, considerar o que dizem estas professoras talvez fosse um tanto interessante para retirar a ênfase sobre a passividade e submissão destas mulheres, pois, segundo Almeida,

minimizar a atuação das professoras, como sujeito histórico [...] possibilita a emergência [...] de um complexo de “vitimização” feminina que em muito tem colaborado para desmerecer a profissão e as próprias mulheres (Almeida, 1998: 67).

Pode-se dizer ainda que, nos dois textos, o uso do gênero ficou restrito a articulações com a categoria classe. Bufalo confirma reconhecer a importância dos debates de natureza étnicos, mas esclarece de antemão que estas questões não farão parte de sua análise. Nesta mesma direção caminha Camargo, que chega a questionar as professoras sobre suas origens étnicas, mas a categoria raça/etnia esteve ausente na análise de sua investigação.

Por fim é importante ponderar que embora Camargo faça uma abordagem mais detalhada do conceito de gênero, contudo, algumas de suas colocações sobre homens e mulheres vêm sendo colocadas em xeque por estudiosas/os da corrente de gênero por ela adotada. Ao afirmar que:

Homens e mulheres formam uma unidade dinâmica indissolúvel [...] são opostos que se distinguem um do outro por possuírem diferentes atributos construídos ao longo de uma história biológica, psicológica e social, sendo, portanto, complementares (Camargo, 2007: 21),

a autora incorre em outra questão: ao reessencializar atributos masculinos e femininos, de forma polarizada, pode ocorrer um reforço ao discurso heteronormativo e a criação de outras clivagens sociais.

PALAVRAS FINAIS

Neste texto, apresentamos resultados preliminares de pesquisa em andamento cujo objetivo, bastante exploratório, é conhecer o que vem sendo produzido em termos de gênero e sindicalismo de trabalhadores em educação nos programas de pós-graduação brasileiros. Cabe ressaltar que a coleta de dados apresentada no item “procedimentos metodológicos” não é definitiva, voltaremos a nos debruçar sobre a mesma.

Nestas considerações finais, gostaríamos de assinalar duas questões. A primeira delas se refere às dificuldades da coleta de dados no Banco de Teses da Capes. Observamos como limitação do mesmo o fato de não ser possível refinar a coleta a partir da área de conhecimento. Servindo-nos apenas do descritor “assunto”, o fato de precisar articular mais de uma palavra-chave (recursos “todas as palavras” ou “qualquer palavra”) sem recortes estabelecidos por área de conhecimento terminou por gerar um grande número de resumos a serem examinados. Não seria demais, também, constar uma procura por orientador.

No que tange às duas pesquisas analisadas, dão-nos uma boa base para compreendermos as formas pelo qual o gênero tem sido usado para interpretar a organização docente. A partir do exposto teremos condições de trazer, para reflexão, outras questões e hipóteses acerca do suposto não engajamento das mulheres, e continuar mesmo fomentando a discussão sobre alternativas outras de se fazer sindicato que atendam igualmente o público feminino, pois conforme já afirmaram algumas autoras, a organização sindical está predisposta para os homens (Cappellin, 1994), os valores e significados que marcam esta estrutura são masculinos (Vianna, 1999).

Na continuidade deste estudo devemos deter-nos com afinco nas similaridades e particularidades do uso do gênero nas dissertações e teses para encontrarmos, a partir do conjunto dos trabalhos, o diferencial destas pesquisas sobre sindicalismo docente que escolheram adotar o conceito como categoria de análise.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- ANDRÉ, Marli; SIMÕES, Regina H. S.; CARVALHO, Janete M.; BRZEZINSKI, Iria. Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação & Sociedade*, Ano XX, n. 68, Campinas, dez. 1999, p. 301-309.
- ÁVILA, Maria J. F. *As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e educar*. Um estudo sobre as práticas educativas em um Cemei de Campinas/SP. , 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAPPELLIN, Paola. Viver o sindicalismo no feminino. *Estudos Feministas*, número especial, Rio de Janeiro, 1994, p. 271-290.
- CERISARA, Ana B. *A construção da identidade das profissionais de educação infantil: entre o feminino e o profissional*. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*, v. 14, n. 3 (42), Campinas, set./dez. 2003, p. 89-101.
- GINDIN, Julián. Os estudos sobre sindicalismo docente na América Latina e no Brasil. In: *Associativismo e Sindicalismo Docente no Brasil – Seminário para Discussão de Pesquisas e Constituição de Rede de Pesquisadores*, 2009, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: IUPERJ/UFRJ/UnB, 2009, p. 1-18. Disponível em <http://nupet.iesp.uerj.br/arquivos/Gindin.pdf>.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Revista Diálogo Educacional*, v. 6, n. 19, Curitiba, set./dez. 2006, p. 37-50.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. *Educação e Pesquisa*, v. 27, n. 1, São Paulo, jan./jun. 2001, p. 47-68.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, Albertina Oliveira; BRUSCHINI, Maria Cristina A. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos e São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 15-23.
- THOMPSON, Edward P. Tempo e modernidade capitalista. In: ———. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 47-62.
- . Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: ———. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.
- VIANNA, Claudia. *Os nós do “nós”: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo*. São Paulo: Xamã, 1999.

CORPUS DOCUMENTAL

- BUFALO, Joseane Maria Parice. *Nem só de salário vivem as docentes de creche: em foco as lutas do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Campinas (STMC 1988-2001)*. 2009. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

- CAMARGO, Kátia Pereira Coelho. *Relações sociais de gênero entre mulheres/professoras na regional de Palmeiras de Goiás e sua repercussão no mundo do trabalho*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia.
- CARMINATI, Fábila Lilian Luciano. *Conflitos e confrontos de mulheres professoras no movimento de greve*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- CHILLEMI, Margaret Maria. *Produção de subjetividade, militância e gênero*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre.
- DOTTI, Corina Michelon. *Representações de mulheres professoras: incursões nos espaços público e privado*. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- FARIAS, Maria de Lourdes Mazza de. *Nem rosa, nem azul: relações de gênero na família, na escola e no sindicato*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba.
- LAHNI, Cláudia Regina. *A presença das mulheres na imprensa sindical – Um estudo da imprensa do Sindicato dos Professores de Campinas e Região*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- MONTEIRO, Nelma Gomes. *O engajamento sindical da mulher educadora*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória.
- REIS, Willian Gonçalves dos. *Do desespero à esperança: a luta socioeducativa dos professores municipais do interior do Ceará*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará (UFCE), Fortaleza.
- SANT’ANA, Ruth Bernardes de. *Professores de 1º e 2º graus: representação social e mobilização coletiva*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- SANTOS JR., Alcides Leão. *Mulheres professoras: memórias da organização docente*. 2006. Dissertação (Mestrado), Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal.
- SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. *As trabalhadoras da educação infantil e a construção de uma identidade política*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia.
- SILVA, Tarcísio Firmino da. *A construção de valores sobre o trabalho docente e a saúde do trabalhador: das políticas públicas aos enunciados sindicais*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro.



